

O que elas dizem deles

MACHO
DEBATE

O que pensam e o que sabem as mulheres sobre os homens? O Expresso desafiou três mulheres de gerações diferentes — Cuca Roseta, Inês de Medeiros e Ana Salazar — para um debate no feminino sobre... o masculino. DEBATE CONDUZIDO POR KATYA DELIMBEUF FOTOGRAFIAS DE JORGE SIMÃO

Uma conversa sobre homens é difícil de estancar. É um exercício promissor, tentador e no qual é difícil não cair em generalizações. Juntámos três mulheres inteligentes e vividas a uma mesa para falar sobre o sexo oposto. Uma atriz e deputada de 43 anos, casada e mãe de dois filhos; uma estilista de 70 anos, divorciada e viúva, mãe de uma filha; uma fadista de 30 anos, mãe solteira de um rapaz de 3 anos. Inês de Medeiros (I.M.), Ana Salazar (A.S.) e Cuca Roseta (C.R.). No bar de um hotel, perguntámos-lhes se a imagem que temos do homem mudou ao longo das várias gerações, se têm alguma pista sobre o que eles querem delas, se elas continuam a vir de Vénus e eles de Marte... Uma das poucas certezas que ficou é que falar de homens... implica falar de mulheres.

Ainda existe o 'macho latino'? I.M. — Eu começava com uma consideração prévia... Imaginem o que nós pensaríamos se juntassem três homens para falar de mulheres. Temeríamos o pior. Por isso, acho que não devemos transformar esse mito em 'fêmeas latinas'... [risos]

A.S. — O macho latino poderá existir, mas vejo cada vez mais homens, nos trintas, que estão em casa enquanto elas estão a trabalhar... Cá em Portugal.

Conhecem muitos casos desses? A.S. e I.M. — Conheço. Até muito próximos...

Na geração mais jovem, isso também acontece? I.M. — Houve um ligeiro retrocesso.

A.S. — Quer dizer, na minha altura, ninguém pensava nisso. Eu era a exceção à regra. Trabalhei até aos sete meses de gravidez. Os homens, nessa época, eram muito preponderantes, muito machistas...

C.R. — No meu caso, quase todas trabalham. E

não admitem que eles não trabalhem. Mas conheço bastantes mulheres que voltaram a querer ficar em casa porque o marido ganha bem e elas tomam conta dos filhos. Eu não seria capaz de não trabalhar, acho que enlouquecia. Sentir-me-ia completamente inútil. Também sou mãe, mas acho um desperdício estar presa em casa a tomar conta das crianças.

I.M. — Eu conheci sempre as mulheres a trabalhar. E inquieta-me ver de novo em raparigas mais novas esta vontade de "eu posso não trabalhar porque ele ganha bem a vida". Sem a consciência do que isso significa. Porque isso torna-as forçosamente mais dependentes. Já sabemos, infelizmente, que o amor nem sempre é eterno. E que a generosidade pode não acompanhar...

A.S. — Sim, isso é horrível, mesmo.

C.R. — Mas entretanto houve uma revolução. As mulheres impuseram-se. Antes, elas eram enganadas e tinham de aturar...



TRÊS GERAÇÕES

CUCA ROSETA, FADISTA, 30 ANOS, INÊS DE MEDEIROS, ATRIZ E DEPUTADA, 43 ANOS, E ANA SALAZAR, ESTILISTA, 70 ANOS. UMA SOLTEIRA, UMA CASADA E UMA DIVORCIADA

E eles sentem-se confortáveis com a ideia de ela ser o ganha-pão? I.M. — Acho que eles não se importam que ela ganhe mais. Há cada vez mais pessoas a trabalhar por projeto, cada vez mais *freelances*. Também acho que, no cuidar dos filhos, eles não cuidavam mais porque elas não deixavam... Havia um território de cada um. E as mulheres prendem-se muito com o seu território.

A Inês, que viveu em Paris, consegue estabelecer uma comparação entre o ‘macho latino’ francês e o português? I.M. — Se é evidente que ainda há casos de machismo em Portugal, e muitos, costume dizer que foi quando cheguei a França que conheci a misoginia [o ódio pelas mulheres]. Basta ver a reação da sociedade francesa à sua primeira e única primeira-ministra, a Edith Cresson [em 1991]. Foi terrível. Já nós tínhamos tido a Maria de Lourdes Pintasilgo, há muitos anos [em 1979]. As reações não tinham comparação... Lembro-me agora, recentemente, na campanha da Ségolène Royal, de o tratamento mediático ser diferenciado... Os *cameramen* filmavam os sapatos de salto alto dela na lama, como se isso não pudesse acontecer, porque era uma mulher. Inclusivamente, colegas de partido dela perguntavam: “Se ela for eleita, quem vai tomar con-

ta dos filhos?” Isto seria inimaginável cá. A França é um país mais conservador.

Mas não há ainda na sociedade portuguesa sinais de machismo, nomeadamente nas gerações mais velhas? Continuamos a ver homens olhados de lado nas empresas onde trabalham se tirarem os dez dias de licença de paternidade a que têm direito... Enquanto elas, é evidente, têm de tirar a licença de maternidade... I.M. — Eu não sei exatamente quem são ‘eles’ e o que pensam. Mas sei o que nós aqui, quatro mulheres, sentimos. Será que somos realmente imparciais? Por exemplo, eu digo: “Tenho um amigo que toma muito bem conta dos filhos.” Resposta: “Ai que bom...” E digo: “Tenho uma amiga, coitada, que está sempre a trabalhar e não tem tempo para cuidar dos filhos.” “Ai que mal, ai que mal...” Ele, qualquer coisa que faça a mais, é positivo. Ela, qualquer coisa que faça a menos, é negativo. As mulheres ainda têm de se esforçar muito mais. Isso e as exigências de imagem — é muito mais difícil uma mulher vestir-se, estar penteada, maquilhada...

Porque é que a sociedade é mais complacente com os homens do que com as mulheres? I.M. — Acho que isso está a mudar. Ainda há uma grande indulgência para com as mulheres que dizem: “Peço desculpa, preciso de anular a reunião porque tenho de ir buscar os meus filhos à escola.” Se for ele, sai completamente mal visto. Na sociedade, mais do que nas relações individuais, é que há muito terreno a percorrer. As discrepâncias salariais são absolutamente injustificáveis, até entre os atores. Em média, um ator ganha mais do que uma atriz... pelo facto de ser homem. Já para não falar de dois empregados iguais num restaurante, em que ele ganha mais do que ela. **Serão os homens umas crianças grandes que procuram na mulher uma segunda mãe, ainda que não o saibam?** A.S. — Eu diria que os homens, até morrerem, são umas crianças ao pé de nós... A inteligência da mulher é mais sensível. E eles envelhecem mais cedo, mentalmente.

I.M. — Se os homens são assim, foram as mães que os educaram. É bom lembrar isso. Há uma grande responsabilidade das mães na forma como educam os filhos. Mas, a partir do momento em que eles foram chamados a repartir as tarefas com a mulher, têm preenchido extraordinariamente esses requisitos. A certa altura, quando estava a amamentar, decidi que o meu filho passaria a ter só um biberão por dia, o das 3 horas da manhã. Reservado para o pai! [risos] E ele adorava aquele momento, que era só dele, de solidão com o filho.

A.S. — Isso era impensável na minha geração. Lembro-me de uma vez, quando a minha filha Rita teve uma otite muito difícil de sarar,



o pai ter chegado a casa e ter dito que ia dormir para o hotel, porque não queria barulho. Não estava com a filha o dia todo e, quando chegava, queria estar descansado. Nunca lhe trocou uma fralda nem lhe deu um banho. C.R. — Hoje eles são mais práticos. Cozinham e, como elas trabalham e também precisam de descansar, é do género: “Toma lá, segura, faz tu...”

E o que será que os homens de hoje querem das mulheres? O mesmo que queriam há uma geração? A.S. — Acho que os homens de 60 querem andar com miúdas de 20 [risos]. I.M. — Acho que sempre andaram. A novidade hoje é elas serem mais velhas do que eles! A.S. — Procuram uma companheira... I.M. — Procuram exatamente o que uma mu-



A minha avó disse-me uma coisa muito sábia: “Sabes quando é que gostas mesmo de alguém? Quando gostas dos seus defeitos.” Portanto, eu quero alguém que goste dos meus defeitos

Inês de Medeiros



O RUMO DA CONVERSA
FOI DIFÍCIL MANTER O
TEMA E NÃO ACABAR A
FALAR DE... MULHERES.
SEJA POR TEREM DIFICUL-
DADE EM PÔR-SE NA
PELE DELES SEJA POR-
QUE FALAR DE HOMENS
É QUASE SEMPRE
FALAR DE RELAÇÕES

lher procura num homem...

C.R. — Além da paixão, querem, sem dúvida, uma companhia. Alguém com quem conversar, com quem gerir um projeto de vida...

Isso é o que um homem procura numa mulher ou o que uma mulher procura num homem? C.R. — Hummm... Pois... Não sei.

A.S. — Lembro-me de uma história passada em 1970, numa multinacional americana, onde se ganhava muitíssimo e onde se dizia aos funcionários que tinham de trabalhar muitas horas “para poderem comprar um carro à mulher, à amante e à outra”...

Mas, na sua geração, um homem não procura também uma mulher para ser mãe de família? A.S. — Depende. Havia uns a quem tanto fazia... Uma parte talvez, a outra não.

I.M. — Não sei exatamente o que um homem procura numa mulher. De certa forma, imagino que o que nós procuramos neles é uma espécie de porto de abrigo, um sítio onde sabemos que há bonança...

A.S. — Isso é boa ideia, porque no meu caso não era assim. Comigo, era mesmo a história da amante e da outra.

I.M. — Não tenho dúvidas de que o facto de as mulheres se terem tornado independentes mudou muito as coisas. Ninguém se lembra de que até ao 25 de abril uma mulher casada não podia sair do país sem autorização do marido... Ou abrir uma conta bancária... São conquistas que acho que não tivemos o cuidado de passar. Talvez isso justifique que hoje raparigas novas voltem a dizer: “Final, é

muito melhor estar em casa. Ele trabalha, eu estou descansada, estou com os filhos, só tenho de gerir a guitarra, o judo, a natação... [risos] as 35 tarefas, mais o carro, o cabeleireiro e a massagem!...” Isso é esquecer o lado negro. Uma coisa parece-me evidente: hoje ainda, uma mulher, para conseguir vencer, tem de se esforçar o dobro. Tem de provar que é melhor e continuar a garantir algumas coisas básicas, como tomar conta dos filhos. **Será que as mulheres se estão a masculinizar, entre maior dedicação à carreira, mais ambição, mais escapadas sexuais?** I.M. — Porque é que as escapadas sexuais hão de ser uma coisa masculina? Porque é que a ambição há de ser uma característica masculina? Se calhar está na altura de questionarmos os



próprios critérios de avaliação... Onde é a faixa da 'normalidade', do 'socialmente correto'? Eu não vejo as mulheres a masculinizarem-se... Vejo-as competentes, dinâmicas, muito mais giras do que eram...

Os homens andam mais perdidos no meio desta redefinição? I.M. — Diz-se que sim... Há, evidentemente, um período de transformação. Temos o conceito de família a mudar. A questão da homossexualidade a tornar-se mais corrente. A possibilidade de os casais viverem em situações paritárias. Tudo isto muda o esquema mental da sociedade. Por outro lado, há retrocessos que não consigo entender. O imaginário a que se assiste nas novelas revolta-me enquanto mulher. Fiquei a saber que a criada fardada voltou. São estereótipos que continuam a ser alimentados. Como o da 'boa esposa', um estereótipo dos anos 50. Noutras coisas, as novelas trouxeram maior aceitação. Por exemplo, a questão da homossexualidade passou a ser muito mais bem aceite depois de haver uma personagem *gay* nos "Morangos com Açúcar"...

A propósito, há cada vez mais gays ou estão apenas mais visíveis? A.S. — [risos] Não sei... Mas cada vez mais as pessoas vivem as suas inclinações sexuais sem se preocuparem.

C.R. — E também se assumem mais perante si próprias.

I.M. — As associações dizem que sempre houve a mesma quantidade de *gays*...

Há cada vez mais novas famílias, frutos de segundos e terceiros casamentos... Embora a Ana, que é de uma geração em que isso não era comum, tenha conhecido essa realidade [os seus pais tornaram a casar-se depois de se divorciarem]... A.S. — Sim, foi terrível. Na altura, fui apontada a dedo.

I.M. — Eu também tive uns avós que se separaram, embora tenham tido de esperar pelo 25 de abril para se divorciarem...

A.S. — Hoje, é o contrário. O meu neto Dinis, que tem os pais juntos, diz que na escola não tem amigos com pais casados.

Como é que veem os homens adaptarem-se às famílias preexistentes? C.R. — Bem.

A.S. — Do que oiço falar, as pessoas tornam-se superamigas dos enteados...

I.M. — Aí está uma coisa em que a ficção ajudou a criar um imaginário coletivo positivo, a desdramatizar. Acho que será mais fácil de gerir se os dois tiverem filhos. Ninguém pede que enteados e filhos sejam equiparados...

Os cenários apresentados na ficção não serão um pouco demagógicos? I.M. — Penso que a questão principal é o olhar dos filhos. A dificuldade do casal será conseguir ultrapassar a crueza do olhar deles. Porque nenhuma criança, por muito que os divórcios se banalizem, gosta de ver chegar um homem junto da mãe ou uma mulher junto do pai... As

crianças são seres conservadores. Não gostam de mudar de casa, de escola, nem de família, obviamente.

Nesse caso, são os filhos que decidem as relações que os pais podem ter? I.M. — Não tenho dúvidas de que têm um peso muito grande. Se tornarem aquela relação um inferno, é preciso ser um grande grande amor e serem pessoas muito fortes para resistirem. É muito difícil fazer viver uma relação estável com uma oposição clara, franca e hostil por parte das crianças. Mesmo que não se queira delegar o poder, é algo que acontece.

C.R. — Antigamente, as mães solteiras escondiam os filhos. Hoje não. Se o meu filho não gostar de alguém, ou se um homem falar com ele de um modo que eu não gosto, isso influencia-me. Agora, não passa só por mim gostar de uma pessoa, também passa por como trata o meu filho. Já tive situações em que é como se se acendesse uma luz encarnada. Já me aconteceu pessoas falarem mal com o meu filho e eu perder logo o interesse.

E a conjugalidade? Será que, daqui a dez anos, os casais vão todos viver em casas separadas? A.S. — No meu caso, estava divorciada há vinte e tal anos [depois de um casamento de 30] quando o Manel [o ex-marido] ficou doente e voltou para minha casa. Acabámos por ser grandes companheiros. Eu dizia-lhe sempre que o ideal era fazermos férias juntos, de vez em quando irmos jantar fora... Acho que é mais interessante. Até aos 40, fui quase apaixonada pelo Manel. Foi um *coup de coeur*, um *coup de foudre*, tudo isso. Mas ficámos amigos. Para mim, é mais interessante, depois daquela fase de paixão, ter quartos separados — absolutamente —, para as pessoas nunca deixarem de ser amigas...

I.M. — Não sei se partilho a ideia dos quartos separados, mas acho positivo cada um ter um espaço seu. As vidas mudaram. A mobilidade é cada vez maior. O emprego para toda a vida acabou. Ou as pessoas arranjam um novo patamar de entendimento, onde a coabitação plena deixa de ser uma necessidade, ou... Não sei se isso significa que toda a gente vai viver em casas separadas, sei que as intimidades tornam-se intimidades por e-mail, por telefone, por Skype... Se calhar, as relações fazem-se de encontros e separações... Parece-me que a evolução é esta. Aquele esquema tradicional de vida, permanente — até o esquema íntimo —, não vai ser possível...

Cuca, imagina-se a viver em casas separadas com o seu namorado ou marido? C.R. — Não. Mas imagino casas de banho separadas, para não discutir sobre o tampo da sanita e essas coisas parvas... [risos] Assim ela arranja-se, ele arranja-se, e é sempre uma surpresa... E acho importante haver um espaço para cada



O que procuro num homem não existe...! Mas sentido de humor é fantástico, e o lado estético continua a ser importantíssimo para mim

Ana Salazar

um. Como quando toco piano ou pinto...

Agora, uma pequena provocação. Irá o casal tornar-se, como a democracia, no 'menos mau dos sistemas'? A.S. — Eu vejo cada vez mais noivas...

C.R. — Mas também há mais divórcios...

I.M. — Eu acho que a noção de família evoluiu, cada vez mais a construímos ao longo da vida, não é uma decisão, mas, mesmo assim, família é família. Um namorado foi-se embora... paciência, com o tempo desaparece. Um pai de filhos não desaparece... nunca. Para o bem e para o mal. Pela presença, pela ausência. Quem é que não vibrou com os vários casamentos da Elizabeth Taylor com o Richard Burton? Casaram-se três vezes! Um com o outro! Isso é o máximo do casal! A ideia de uma relação que se vai construindo, que vai ultrapassando dificuldades, que se separa para depois se reencontrar... É o novo romance cor de rosa que qualquer pessoa ambiciona. A ideia de "não me enganei".

C.R. — Tudo na vida que é muito bom demo-



Só vou saber quem foi o homem da minha vida quando morrer... [risos] Dos homens que já passaram na minha vida... Nenhum!

Cuca Roseta

ra a conquistar. Acho uma pena, hoje em dia, as pessoas não se quererem sacrificar por nada... Olho para os meus pais, que ainda estão juntos, e é tão bom vê-los... Agora com os netos, parece que se voltaram a apaixonar. Ninguém lhes tira essa felicidade. Acredito imenso nos casais, por muito que a sociedade esteja maluca e toda a gente desista.

A.S. — Qualquer vivência a dois é muito difícil. Portanto, um dos membros do casal tem de ser mais dócil, mais complacente que o outro. I.M. — Mas não precisa de ser sempre o mesmo... [risos]

Quais as referências masculinas marcantes da vossa vida? Que imagem têm do pai? C.R. — O meu pai é a pessoa que eu mais admiro. Somos cinco irmãs, e supostamente eu sou a filha querida. A minha ligação com ele é fortíssima, apesar de sermos muito diferentes. O meu pai é muito discreto, lê imenso, é um intelectual... Sabe imenso de História, de Filosofia. Eu tenho um lado mais artístico. Mas há um grande respeito e admiração.



As vidas mudaram. Ou as pessoas arranjam um novo patamar de entendimento ou... As intimidades passam a ser por e-mail, por telefone, por Skype

Inês de Medeiros

Nos seus relacionamentos amorosos, procura características do seu pai? C.R. — Não... [risos] Acho que os homens que tive não tinham nada a ver com ele.

A Ana teve uma relação fortíssima com o seu pai... A.S. — Sim, apesar de os meus pais terem sido muito ausentes. Eu ficava sempre com a minha avó, eles viajavam muito. Com o meu pai, tinha quase uma relação platónica. Era o príncipe perfeito. Já no fim da vida, teve uma doença complicada, mas mesmo no dia antes de morrer estava com uma camisa maravilhosa, um lenço lindo... Era um homem fabuloso. Quando saía com ele, tinha um orgulho extraordinário. Não procurei de todo nos meus companheiros características do meu pai. Mas tive sempre atração por homens com o tipo físico dele, muito bonitos.

E a referência do seu pai [o maestro Vitorino de Almeida], Inês? I.M. — Eu tive simultaneamente um pai muito presente mas que não corresponde em nada ao protótipo tradicional. O meu pai é uma figura solar, que irra-

dia generosidade, mas há parâmetros da masculinidade que foram dados pelos meus avós. **Pergunto-lhe o mesmo: nos seus homens, procura algo do seu pai?** I.M. — Alguém como o meu pai não procuro de certeza! [risos] Até qualquer semelhança me assustaria... com todo o amor que lhe tenho! [risos] Ter outro em casa, nem pensar!

O que é que cada uma de vós procura num homem? A.S. — Não existe! [risos] Sentido de humor, acho fantástico, e o lado estético continua a ser uma referência importantíssima para mim...

C.R. — No meu caso, é importante que tenha sensibilidade para perceber o meu trabalho... que entenda que eu não canto só, canto fado. Embora seja difícil escolher assim, tipo supermercado. E às vezes há coisas mais fortes, e a pessoa não é exatamente como nós queríamos, mas somos capazes de a amar. O sentido de humor é bom. É bom ter alguém positivo ao lado...

I.M. — Acho que há uma parte que não se explica e não é racional, algo de alquimia... Uma coisa química qualquer... E talvez uma coisa que a minha avó me ensinou, quando disse: “Sabes quando é que gostas mesmo de alguém? Quando gostas dos defeitos dele.” Portanto, quero alguém que goste dos meus defeitos. Tenho alguns.

Costuma dizer-se que os homens vêm de Marte e as mulheres vêm de Vénus. Acham que será sempre assim ou tem havido uma aproximação? C.R. — Eu acho que somos diferentes, mas as diferenças tendem a diminuir.

A filha da Inês embala um dinossauro, o meu filho pega num carrinho e manda-o contra a parede... São instintos diferentes.

I.M. — Eu não sei o que resta dos instintos, da essência natural, se é que resta alguma coisa. E acho mesmo que as pessoas são produto da sua cultura. Parece-me evidente que vamos caminhar para um terreno de troca maior. Ficaremos iguais? Não me parece.

Se tivessem de eleger o homem da vossa vida, quem seria? I.M. — No fim da vida digo [risos]. Sei lá, estou a meio da vida... [pausa] Até agora, é o pai dos meus filhos.

A.S. — Foi o Manel. Agora não tenho...

C.R. — Eu só vou saber quem foi o homem da minha vida quando morrer... [risos] O meu filho tem 3 anos, portanto não pode ser o homem da minha vida, embora seja uma ligação eterna. Mas, em termos de importância, dos homens que já passaram na minha vida... Nenhum! [risos]

I.M. — Quem sabe se, quando chegamos ao fim, não pensamos: “Aquela pessoa que encontrei numa férias, essa é que era...” [risos] ■

unica@expresso.impresa.pt

AGRADECIMENTO AO HOTEL

ALTIS BELÉM, EM LISBOA